
14. AUTOAJUDA E EXPERIÊNCIAS DE GERENCIAMENTO DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL

Rossana Maria Marinho Albuquerque¹

Introdução

O presente texto discute questões abordadas na tese de doutorado (ALBUQUERQUE, 2015), que teve como objeto a análise de manuais de aconselhamento afetivo escrito para mulheres e as experiências de leitoras brasileiras que buscaram esta literatura como fonte de orientação. A pesquisa surgiu da curiosidade de compreender a difusão deste segmento literário no Brasil, a partir de uma análise que priorizava o âmbito das relações de gênero.

Os conselhos afetivos direcionados às mulheres podem ser encontrados em vários momentos da história brasileira. No entanto, o segmento de manuais de autoajuda estudado na pesquisa se caracteriza por uma abordagem específica ao orientar condutas emocionais, de um lado reforçando o padrão de conjugalidade heteronormativa (ALVES, 2005) e, por outro, o fazendo a partir dos traços culturais que caracterizam os afetos na contemporaneidade. Neste sentido, algo que chamava a atenção era a ênfase no gerenciamento emocional demandado às mulheres, para que administrassem seus sentimentos, com o objetivo de conseguir um relacionamento afetivo duradouro.

Foram selecionados manuais para análise, todos eles classificados entre livros mais vendidos, os chamados *best sellers*: “Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?”, de Allan Pease e Barbara Pease; “O que toda mulher inteligente deve saber”, de Steven Carter e Julia Sokol e “Por que os homens amam as mulheres poderosas?”, de Sherry Argov. Além desses três livros, que são publicações estrangeiras traduzidas em português, foi analisado o livro “Sedução”, do *coach* brasileiro Eduardo Nunes, um profissional especialista em aconselhamentos que trabalha orientando mulheres a seguirem uma meta para conquistar um parceiro. Ao longo da pesquisa, observou-se que todo um mercado direcionado a

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Coordenadora de Pesquisa e Extensão da Faculdade Seune, Maceió-AL. E-mail: rossanamarinho@yahoo.com.br.

estimular relacionamentos afetivos vem se consolidando no Brasil, incluindo o segmento de livros de aconselhamento afetivo.

Para compreender este fenômeno em sua complexidade, foi necessário observar como ele mescla influências de discursos terapêuticos, ideias oriundas do feminismo, concepções de individualismo e mercado, cultura de massa, de modo a atingir lugar de destaque nas listas de vendas e se popularizar como repertório de orientação afetiva (ILLOUZ, 2010).

Desde quando a pesquisa teve início, em 2011, até o período de conclusão, 2015, o cenário político brasileiro, no que diz respeito às discussões de gênero, tem se configurado progressivamente por intensos debates, muito deles protagonizados por setores conservadores. No período inicial da pesquisa, tais debates não estavam tão acirrados na esfera pública. No curso da pesquisa, ao partir do âmbito afetivo e relacioná-lo com outros momentos das experiências femininas, foi possível perceber como o gênero configura práticas que, em seu conjunto, reforçam desigualdades. Quando a pesquisa foi concluída, em 2015, um dos aspectos abordados foi a necessidade do feminismo como interlocutor das experiências privadas, tendo em vista seu potencial de politizar o cotidiano e problematizar determinados padrões, que recaem principalmente sobre as mulheres. No final do mesmo ano, o Brasil vivenciou um momento bastante oportuno para as lutas feministas e até mesmo revistas direcionadas ao público feminino chegaram a pautar reivindicações feministas em suas publicações. Ainda que as demandas sejam incorporadas muitas vezes de modo a minimizar os impactos da crítica feminista, o fato expressava que o feminismo se fazia presente na agenda política brasileira de modo ativo. Ao considerar que o protagonismo feminista tem se dado simultaneamente à difusão de discursos conservadores a respeito das questões de gênero e sexualidade, faz-se importante observar os mecanismos que legitimam as desigualdades e como se reforçam nas experiências femininas.

O estudo da difusão da literatura de autoajuda e das experiências das leitoras nos conduziu para esse universo de práticas que se situam no âmbito afetivo, mas que permeiam relações de trabalho, concepções políticas, crenças religiosas e, em seu conjunto, podem reforçar padrões de gênero ou fornecer elementos de ruptura, conforme as situações particulares e os repertórios constituintes das práticas. Neste sentido, o presente artigo apresenta análises feitas na tese de doutorado, de modo a destacar a importância do feminismo como forma de enfrentamento político e desconstrução de padrões.

1 A análise de gênero multidimensional

Raewyn Connell (2009; 2007; 2003) propõe uma análise multidimensional que parte, a princípio, de quatro eixos para pensar gênero: relações de produção, relações de poder, estrutura da catexia e simbolismos. Em cada um dos eixos, observa-se como o gênero estrutura práticas sociais e marca as experiências dos sujeitos. Por meio de sua proposta teórica, conseguimos perceber a ligação entre as diferentes dimensões das experiência e como o gênero nelas se constitui. Na medida em que os eixos são pressupostos para pensar a dinâmica social, diferentes modelos de sociedade podem ser estudados a partir da análise multidimensional, pois é na realidade empírica de cada um deles que verificamos como tais eixos se configuram.

Todas as sociedades estabelecem divisões de tarefas entre seus membros, de modo a produzir a vida social. O modo como essa organização é estabelecida se vale, de alguma maneira, de classificações de gênero. A análise das relações de produção nos conduz à percepção de como o gênero constitui tais práticas.

As sociedades também constroem formas de organização e de decisões sobre sua forma de vida. Igualmente encontramos as relações de gênero na forma política da sociedade ou o que Connell chama de relações de poder. Por meio deste eixo, podemos identificar, por exemplo, porque a ordem política global ainda é predominantemente masculina, não só do ponto de vista quantitativo, mas também pelo modo de conduzir as decisões, contribuindo para ampliar as desigualdades de gênero.

A análise da estrutura da catexia mostra como os arranjos afetivos se constituem segundo determinados modelos de produção social do gênero. No caso de uma sociedade como a nossa, podemos pensar nos mecanismos que estimulam a conjugalidade heteronormativa; como o padrão de desejo heterossexual é estimulado socialmente, constituindo o conteúdo sócio-histórico dos afetos.

O eixo dos simbolismos nos mostra como as classificações de gênero marcam os corpos, atribuindo significados segundo essas diferenciações, que orientam modos de agir, a exemplos das concepções de masculino e feminino construídas socialmente e reiteradas nas práticas, aquilo que Butler (2010) chamou de performatividade do gênero.

A pesquisa partiu da estrutura da catexia, analisando os conselhos afetivos escritos para mulheres e as concepções de gênero e sexualidade neles presentes. As mulheres recorreram a esta literatura, na maior parte das vezes, em função de relacionamentos afetivos que não deram certo e buscam nos conselhos orientações para evitar vivenciar novamente a

.....

experiência da frustração ou sofrimento amoroso. Nos manuais de aconselhamento, encontram uma narrativa que, embora escrita para mulheres, é construída sob um ponto de vista masculino, de modo que são descritas situações que visam demonstrar que as mulheres erram nos relacionamentos, seja quando se apaixonam demais, seja quando não agiram de acordo com as preferências dos homens. Na pesquisa de campo, entrevistamos 23 mulheres, de diferentes estados brasileiros. Em comum, a maioria buscava respostas para compreender porque seus relacionamentos anteriores causaram sofrimento, as razões dos homens se interessarem menos por relacionamentos mais estáveis, dentre outros questionamentos. Nos livros, encontram explicações fornecidas por especialistas em aconselhamento, em linguagem prescritiva, indicando os erros que as mulheres cometem nos relacionamentos. Os conselhos baseiam-se em um modelo específico de relacionamento heterossexual, com vistas à conjugalidade, mas que se apresenta como uma norma universal; como se todos os homens e mulheres agissem segundo aquele padrão e almejassem aquele tipo de relacionamento. Mais que isso: naturalizam concepções de masculino e feminino – equivalentes a racional e emocional – que acabam por exercer influências em outros momentos da vida das leitoras. Na pesquisa, apareciam nos relatos das entrevistadas casos em que no âmbito do trabalho as mulheres perdiam espaços por serem consideradas mais emotivas/menos racionais, frágeis, e no âmbito das concepções políticas viam no feminismo um padrão exagerado de comportamento feminino, fonte de problemas para a mulher. Justamente pelo fato de as experiências dos sujeitos serem constituídas por múltiplas dimensões, analisar os elementos em seu conjunto contribuiu para identificar como o discurso de autoajuda, de acordo com as situações observadas, fazia sentido no âmbito afetivo e também fora dele.

1.1 Dimensão social das emoções e os usos dos aconselhamentos na vida das leitoras

O discurso de autoajuda, no século XX, tem suas origens no contexto norte-americano. Quando as ideias oriundas da psicologia, mescladas com noções de correntes esotéricas e adaptadas a modelos de gerenciamento empresarial, se difundem nos Estados Unidos, colaboram para a consolidação do que Illouz (2010) denomina de estilo afetivo terapêutico, ou seja, “as maneiras pelas quais a cultura do século XX ficou ‘preocupada’ com a vida afetiva, com sua etiologia e morfologia, e concebeu ‘técnicas’ específicas – linguísticas, científicas, interativas – para apreender e gerir esses sentimentos” (ILLOUZ, 2010, p. 14).

Uma forma de abordar a subjetividade foi incorporada a uma cultura já fundada na ênfase das liberdades e iniciativas individuais. É neste sentido que noções da psicologia foram utilizadas em vários campos da sociedade americana, consolidando uma cultura centrada na análise das trajetórias psicológicas dos indivíduos, tendo como um dos seus resultados o surgimento dos especialistas em aconselhamentos. A posição hegemônica dos Estados Unidos no pós-guerra cooperou para a difusão mundial desta cultura.

Um conjunto de especialistas com recursos para abordar a subjetividade se dirige aos indivíduos para orientar-lhes as condutas, estimulando que busquem em si os meios de enfrentar as adversidades civilizatórias encontradas no cotidiano. As narrativas centradas na psique individual foram difundidas em diversas esferas sociais dos Estados Unidos e Illouz (2008) menciona três delas que foram bastante expressivas: o cinema, a literatura de aconselhamento e a publicidade. Os psicólogos atuaram na indústria cultural, auxiliando na incorporação de noções psicanalíticas em roteiros de cinema, colaborando com a escrita de manuais de aconselhamento e atuando junto à publicidade.

Assim como nas relações de mercado, em que a produção vai variando suas mercadorias conforme nichos de consumidores, os manuais de autoajuda diversificaram seus públicos e criou-se um segmento direcionado aos conselhos afetivos. Ao lado dos manuais, é possível encontrar uma variedade ampla de produtos e serviços no chamado mercado dos relacionamentos.

Há uma particularidade referente aos manuais de aconselhamento escritos para mulheres. Além da presença de discursos terapêuticos, aparecem ideias oriundas do feminismo, mas que são absorvidas para uma visão terapêutica e normativa dos relacionamentos.

Desse modo, aparecem nas narrativas de aconselhamento as figuras ideais de mulher independente, poderosa, inteligente, que devem seguir determinadas orientações para aproximar-se daquele padrão. Um dos livros mais lidos entre as entrevistadas na pesquisa, “Por que os homens amam as mulheres poderosas?”, baseia os conselhos em dois estereótipos: a mulher boazinha e a mulher poderosa. Sherry Argov sugere que as mulheres boazinhas, por atenderem todas as vontades dos homens, acabam não sendo escolhidas por eles. Seus aconselhamentos têm o objetivo de transformar a boazinha em poderosa. Um conteúdo aparentemente empoderador, não fosse o fato de que, no final das contas, a poderosa se constitui enquanto tal na medida em que consegue atrair o interesse do homem e permanecer com ele em um relacionamento duradouro. Ademais, a mulher poderosa do livro

de Argov se distingue não apenas da boazinha – figura que se remete a gerações de mulheres do passado -, mas das feministas, que são vistas como mulheres exageradas. Essa distinção, que é também uma escolha política sobre uma certa identidade, ficou mais notável quando as entrevistadas na pesquisa falavam sobre sua concepção sobre o feminismo. Curiosamente, a maioria tinha identificação com a poderosa de Argov, mas não com o rótulo de feminista. Várias explicações eram dadas para justificar a rejeição.

Os conselhos afetivos reforçam, pelo menos, duas concepções: as que dizem respeito às questões de gênero e sexualidade; as que constroem a noção de indivíduo. Os modelos de conjugalidade estimulados reforçam padrões de relacionamentos voltados para constituição de famílias heterossexuais, na tentativa de reproduzir ideais de amor romântico, e centrados na vida privada. Considerando os modelos dos manuais e as concepções das leitoras entrevistadas na pesquisa, foi possível demarcar as fronteiras que separam os modelos de feminilidade normatizados, de outros que se pretendem mais emancipados. Tanto nos manuais, quanto nas falas de algumas leitoras, o feminismo aparecia como o responsável pela infelicidades das mulheres na atualidade; como se as conquistas feministas tivessem proporcionado as incertezas e dilemas que vivenciam muitas mulheres.

Illouz (2012) fornece uma série de explicações sociológicas e históricas para compreendermos o sofrimento amoroso contemporâneo. Seu argumento é importante para observarmos porque uma parcela considerável de mulheres tem vivenciado dilemas que são afetivos, mas são também sobre como conciliar outras escolhas na vida. Com base na análise de Illouz, discutimos os elementos de consolidação da cultura terapêutica e suas marcas de gênero, dentre elas a ênfase em aconselhamentos direcionados às mulheres, assim como a concepção de que os homens naturalmente não teriam propensão ao interesse em relacionamentos afetivos duradouros.

Como mecanismo de orientação de condutas, os manuais de aconselhamento entrelaçam padrões difundidos via indústria cultural da dimensão da sexualidade (conforme a narrativa produzida no campo da psicologia) e da dimensão política da sexualidade (promovida pelo feminismo da segunda onda). Um conjunto contraditório que, quando compreendido, explica de que maneira os manuais se valem de termos que fazem referência a um ideal de feminino moderno, ainda que reforçando posições de gênero conservadoras. As liberdades sexuais, decorrentes de processos políticos e culturais, capturadas por esta lógica, criam impedimentos às mulheres, ao invés de potencializar sua margem de escolhas. Sem

perceber a desigualdade estrutural, muitas mulheres responsabilizam o feminismo e as liberdades sexuais pelas suas dificuldades amorosas.

Se considerarmos os impactos culturais das conquistas femininas a partir da segunda metade do século XX, as liberdades de escolha não deveriam se manifestar como problemas para as mulheres. No entanto, como as conquistas não foram acompanhadas de outras transformações, que promovessem igualdade de gênero em vários níveis – inclusive no âmbito emocional -, seus significados foram reapropriados para finalidades que produzem novas formas de limitação às mulheres. A liberdade de escolha, desta forma, aparece como uma pressão para as mulheres, a quem se demanda fazer escolhas certas, no tempo determinado. Nas experiências femininas, a pressão aparece, por exemplo, no dilema de conciliar a carreira profissional, encontrar um parceiro adequado, a realização da maternidade e o gerenciamento emocional para lidar com todas as demandas, ao mesmo tempo. De maneira contraditória, o feminismo responsável por uma série de conquistas às mulheres aparece como o propagador das suas infelicidades, segundo esses discursos. Um exemplo disso aparecia na fala da leitora Luiza, de 37 anos, da região Sul do país, que afirmava que a independência da mulher é uma arma perigosa, tratando a autonomia feminina como um problema.

Quando observamos o perfil das mulheres que recorreram a esta literatura, compreendemos onde esse discurso encontrou significados concretos e em qual contexto (RUDIGER, 2010). No caso do Brasil, é recente a inserção massiva das mulheres em determinados setores da sociedade. É justamente por se tratar de mulheres que chegaram a maiores níveis de escolarização em relação aos seus pais, que ingressaram em carreiras profissionais que demandam boa parte do seu tempo e dedicação, que são heterossexuais e tem como objetivo encontrar um parceiro amoroso para com ele casar e ter filhos, que as orientações dos manuais de aconselhamento fazem sentido; é como se estivessem falando sobre a vida de cada uma.

Nas narrativas de aconselhamento, as mulheres aparecem como naturalmente emotivas e os homens como racionais. O erro delas seria o de não controlar seus sentimentos. Então, os manuais sugerem às mulheres que gerenciem seus sentimentos, expressem seus afetos moderadamente e nas circunstâncias adequadas. Para compreender como o gerenciamento era feito na prática cotidiana das leitoras e quais as motivações, utilizamos a noção de trabalho das emoções, da socióloga Arlie Hochschild (2003). Segundo sua definição, o trabalho das emoções consiste no esforço individual de produzir em si determinados estados emocionais.

Nos relatos das entrevistadas, encontramos descrições sobre os usos dos aconselhamentos dos manuais na vida cotidiana, por meio das técnicas de estímulo à racionalização dos afetos.

Entre as leitoras que adotaram os conselhos dos manuais, as orientações eram incorporadas individualmente ou em grupos de amigas, que observavam as condutas de cada uma, buscando alertar quando alguma delas estava “errando”. Os conselhos seguidos em grupo criavam certa proteção e segurança para as mulheres. Dado o sofrimento amoroso vivenciado, olhavam para si e identificavam falhas em suas condutas, como é possível verificar no relato de Raquel, 36 anos, região Sudeste:

Nós fizemos um certo grupo de mulheres e aí, quando tinha uma questão de relacionamento, que a gente ficava perdida, uma conversava com a outra, e a outra dizia: ó, lê o livro! Você lembra do livro? Vai lá no livro que ele tem tudo. A gente chegou até a usar. E foi um período que deu certo, porque nós éramos um grupo e agora, hoje, todas estão namorando e estão felizes. E a gente se ajudava e usava o livro também pra uma dar conselho pra outra: ‘vai ler o livro lá, que você tá agindo errado, você tá pensando errado, segue aquele conselho do livro, que vai dar certo!’ E hoje a gente tá bem, eu achei que ajudou, sim.

O manual oferece, através de estereótipos, estratégias de mudanças de comportamento que têm um impacto imediato na autopercepção das leitoras. “Eu não gostava de mim”, “minha autoestima era baixa”, “a gente é criada para ser boazinha”, eram algumas das afirmações feitas pelas entrevistadas quando lembravam de si mesmas antes da leitura dos manuais.

As leitoras narravam experiências de gerenciamento emocional, seguindo protocolos de identificação de um possível parceiro, que se encaixasse nas suas expectativas, evitando desperdiçar tempo com pessoas consideradas erradas. No trabalho emocional, a vigilância do comportamento torna-se fundamental, tendo em vista que a mulher é responsabilizada pelos rumos do relacionamento. No relato da leitora Helô, na época com 34 anos, a mudança provocada pela incorporação dos conselhos: “o livro me transformou em outra Helô, porque ele me mudou muito, externa e internamente, ainda estou em mudança. Uma das coisas que me chamou atenção foi a coisa das estratégias pra manter aquele homem atrás de você”.

Os conselhos produziam efeito na busca das leitoras pela superação de sofrimentos amorosos anteriores e colaboravam para a ideia de uma nova mulher. Em vários casos, atuaram positivamente na imagem que as mulheres construíram sobre si; porém, por meio de uma narrativa em que a mulher é apontada como culpada, em que o comportamento masculino nem sempre é questionado. Ao contrário, a preferência masculina é o elemento

ativo dos conselhos. A mulher pode não demonstrar, mas na prática está construindo um caminho para chegar até aquele homem, evitando os erros anteriores.

Entre as entrevistadas, houve também as que não se identificaram com os aconselhamentos dos manuais, ou mudaram sua concepção sobre eles. Em comum, questionam os livros, em seu conteúdo ou forma, mas os repertórios de gênero das leitoras são distintos, de modo que foram identificadas pelo menos duas formas de rejeição: as que criticavam os aconselhamentos e seus pressupostos de gênero; as que criticavam os aconselhamentos, mas reforçavam, de outras maneiras, as concepções de gênero neles veiculadas.

Entre as leitoras que modificaram sua visão sobre o livro, os depoimentos demonstravam o olhar reflexivo sobre suas experiências, fundamental para pensar na dinâmica das relações de gênero, que compreende também rupturas e desconstruções. Este aspecto demonstra a importância de observar as experiências do público leitor, para além da análise dos conteúdos dos manuais. Um dos exemplos é a trajetória de Maria, 25 anos, solteira, mestranda, região Nordeste. Foi leitora de “Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?”. Desde que Maria entrou na universidade, teve acesso a concepções que a fizeram repensar relações de gênero, raça, etc. Trabalha com educação de crianças na rede pública e levava para o ambiente da escola reflexões sobre o processo de socialização infantil. Tentava modificar a maneira como as crianças lidavam com as classificações de gênero que aprendiam em seus lares. Seu relato expressava uma autorreflexão enquanto narrava suas experiências anteriores e as que vivenciava naquele momento.

Entrevistadora: Pra você, existem características tipicamente masculinas ou femininas?

Agora, você me perguntando, eu comecei a pensar. Eu sou de uma família muito tradicional, do sertão de Sergipe. E por mais que eu tenha essa percepção mais ampla de pensar e ver as coisas, mas eu saí de um lugar onde o homem vai trabalhar e a mulher fica em casa. Isso ainda é muito forte em mim. Eu não posso negar, porque eu fui criada dentro dessa percepção. Mas, enquanto...é uma contradição, né? Mas hoje eu já não vejo que a mulher tem que ficar em casa e o homem tem que sair pra trabalhar. Eu penso que da mesma forma que o homem exerce algumas atividades, a mulher também pode. [...]Infelizmente a gente vive num mundo em que os homens ainda agem dessa forma.

Um aspecto a se notar é como as relações de gênero assumem outras justificativas quando as leitoras entram em contato com repertórios culturais que confrontam suas concepções. A fala de Maria é perpassada por situações que evidenciam a dinâmica das relações de gênero: foi socializada em um contexto, reconhece as marcas culturais ainda

presentes, mas questiona suas referências, não só refletindo sobre sua trajetória, mas também no ambiente profissional, no qual as crianças levavam valores aprendidos na socialização familiar. O gênero deixa de ser concebido como resultado das diferenças corporais ou inatas aos indivíduos, para ser pensado como um processo em contínua construção.

Um relato de desconstrução de gênero bastante interessante foi o da leitora Claire, 26 anos, solteira, região Sudeste. Estava às vésperas de concluir o mestrado, na área de estudos culturais, quando participou da entrevista para a pesquisa. Afirmava ser feminista e foi a única a se declarar bissexual entre as entrevistadas. Leu “Sedução” quando tinha 18 anos, mas logo o considerou um livro machista. A fala de Claire, que não se enquadrava em um roteiro heteronormativo, surpreendia em vários momentos da entrevista. A bissexualidade, informada desde o início da entrevista, desconstruía as narrativas de aconselhamentos afetivos. Suas concepções mostravam ausência de um elemento muito comum ao discurso de gerenciamento: o sentimento de culpa. Na maior parte das entrevistas, a ideia de fracasso nos relacionamentos é atribuída ao comportamento feminino. Ao tratar o plano afetivo a partir de relações bissexuais, não necessariamente monogâmicas, Claire não carregava o peso de mudar o comportamento em função das vontades masculinas, nem das femininas. É possível que, na condição de estar mais aberta às experiências afetivas, Claire se depare com outros dilemas, por estar em uma situação não hegemônica. Os elementos transgressores da sua fala, ao não se ajustarem a um modelo de mulher culturalmente hegemônico, evidenciam o contexto da difusão e as problemáticas que o constituem para além da heteronormatividade.

Quando comparamos os depoimentos das leitoras que se identificavam com os aconselhamentos e as que rejeitaram/mudaram de concepção, observamos que ocorre um empoderamento decorrente da incorporação de conselhos, porém com implicações de gênero. Os conselhos dos manuais partem de causas e soluções individuais. Ao não problematizar o lugar da masculinidade hegemônica nas relações, constroem uma narrativa centrada na personalidade, que é sustentada por vários pressupostos de gênero, repassando o custo emocional às mulheres.

O fato de os manuais construírem uma imagem de mulher que não se confunde com a feminista, oferecendo uma saída individual para seus dilemas afetivos, revela o traço característico do individualismo das publicações de autoajuda. Neste sentido, por mais que sejam publicações direcionadas a milhares de pessoas, oferecem soluções individuais e não um enfrentamento coletivo. Concretamente, os manuais se apropriam de mudanças culturais e as ajustam em um modelo normativo.

2 As percepções das leitoras sobre o feminismo

Este tópico é bastante relevante para a pesquisa, por revelar as implicações das concepções de gênero dos manuais para as experiências femininas. Ao fazer a análise multidimensional, a partir dos relatos das entrevistadas, era possível identificar que elas vivenciavam situações de desigualdade de gênero – direta ou indiretamente -, percebiam os dilemas da condição feminina. No entanto, havia um momento da entrevista em que se perguntava qual era a concepção da entrevistada sobre o feminismo e se ela se considerava feminista. A maioria respondeu que não se identificava com o feminismo; chegavam a valorizar as conquistas femininas, mas viam o feminismo como um exagero. Foi importante perceber essa fronteira que separava as noções de poderosa, inteligente, da mulher feminista. A mulher poderosa conferia um ideal de autonomia e independência feminina, dentro de um quadro moral mais aceitável. A feminista era apontada, em algumas falas, como aquela queria se assemelhar ao dominante ou estar no lugar dele. E como o feminismo tem uma conotação inevitavelmente política, ele demanda tomada de posições e desconstrução de padrões. A noção de mulher moderna refletia mudanças em relação a padrões anteriores, mas não ameaçava o lugar masculino das narrativas; ao contrário, os conselhos eram construídos em diálogo com o que parecia atrativo aos homens.

Por outro lado, houve também alguns depoimentos de indicação com o feminismo e neles era possível perceber as mediações para a compreensão da condição feminina.

2.1 Gênero em dimensões e experiências femininas

A análise das experiências femininas considerando a proposta multidimensional de Connell nos permitiu acessar outros momentos das vidas das leitoras, para além da catexia (dimensão afetiva). Discorreremos sobre alguns eixos abordados na pesquisa, para demonstrar como esta articulação foi feita.

a) a relação com as mães e as concepções de gênero: entre as entrevistadas, identificou-se que havia um aumento de grau de escolaridade e ingresso em profissões quando comparamos as leitoras às suas mães. Em vários depoimentos, as leitoras apontavam situações

vivenciadas por suas mães que elas não gostariam de repetir. O trecho da fala da leitora Alice permite visualizar melhor tais afirmações:

Entrevistadora: Você considera que o seu modelo de família influencia no que você é hoje?

Certamente, em algum lugar da minha subjetividade deve estar. Mas, racionalmente, eu creio que não. Eu fui criada num modelo muito machista. Eu fui criada pra casar, pra ter filhos, pra ser a dona de casa perfeita. Quando eu tinha 17 anos, minha vó me colocou num curso de culinária e, posteriormente, queria me colocar num curso de corte e costura. Porque a dona de casa tinha que saber costurar, [...] a minha mãe sempre me falava que eu tinha que ser boa pro meu marido, tem que ser compreensiva, tem que ser calma. Então, eu acho que eu segui o contrário do que ela tentou me passar (Alice, 28 anos, região Nordeste).

Em função do aumento no grau de escolaridade, muitas adiaram a maternidade, mas pretendiam ter filhos. Ter filhos acaba significando optar por priorizar a maternidade em detrimento de outras realizações pessoais. Era perceptível que a partir de uma certa faixa etária, geralmente acima dos 30 anos, os argumentos aparecem problematizando mais a necessidade de “engravidar enquanto é tempo”. Nos depoimentos dos dois grupos, a maternidade aparece como um dilema, na maioria das vezes. A construção cultural de que os cuidados com os filhos são tarefas quase naturais das mulheres é marcada fortemente em alguns depoimentos.

Entrevistadora: Qual a sua concepção sobre maternidade?

Eu tenho vontade de ter filhos. Mas uma coisa que muitas fazem e eu acho que não faria é ter filho logo cedo. Eu acho que dá muito bem pra mulher ter sua vida, até mesmo se casar, curtir o casamento, eu sei que se tem um certo tempo que, se não tomar cuidado, não tem mais jeito, mas muitas estão tendo com 40, 41, sei que eu estou quase na idade limite daqui a um tempo, mas isso não me... não nego que às vezes eu fico pensativa. Nossa, o tempo tá passando rápido e eu ainda estou solteira. E aí eu fico... dá um pouco de angústia, sim. [...] a maternidade, pra mim, não é algo que eu queira a todo custo, como algumas mulheres. Se eu não tiver, eu acredito que eu não vou me martirizar por isso. Eu quero, sabe? Pelo menos um, eu quero. [...] tem primas que ficam me perguntando se eu não vou casar, é muita pressão da sociedade. Mas eu não deixo isso me manipular. Aí eu brinco, digo que estou logo namorando quatro e mostro meus livros. Chega alguém da família pra visitar e pergunta: cadê o namorado? E os filhos? (Helô, 34 anos).

Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?

Eu acho uma situação muito difícil de equilibrar. Por exemplo, por eu vir de uma família que a minha mãe é do lar, ela se dedicou na criação dos filhos, eu acho que é difícil, por exemplo, na minha carreira é difícil conciliar os dois. Então, a minha ideia é: no começo da maternidade eu não quero trabalhar. Depois disso, eu quero trabalhar meio período, porque quero tempo pra minha cria. É minha cria, eu que cuido. Eu tenho uma desconfiança enorme de deixar numa escolinha, ou outra coisa. Eu sou muito possessiva nesse sentido. Então, hoje, com as mudanças, acho uma

coisa muito difícil. É um peso pra mulher. A mulher demora cada vez mais pra ter filhos, porque ela quer também conquistar, no campo profissional e tem hora que você decide: você acaba abrindo mão de uma coisa pra ter outra (Raquel, 36 anos).

b) simbolismos e concepções de gênero: algumas questões das entrevistas foram relacionadas às formas como as leitoras concebiam diferenças entre masculino e feminino, como se percebiam nas experiências enquanto mulher, dentre outras. Entre as respostas, houve menção a desigualdades de posição, diferenças inerentes a homens e mulheres e algumas problematizações sobre as relações de gênero que vivenciavam.

Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?

Acho que é aquela que se deixa levar por essa visão antiga que a mulher tem que ficar na cozinha, em casa, cuidando dos filhos e tudo o mais. É aquela visão de que por trás do grande homem sempre tem uma grande mulher. Por que por trás?

Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?

Eu acho que a mulher moderna é aquela que sabe que pode ficar do lado. Não como muita gente quer, que a mulher fique bem na frente, acho que ela tem que estar do lado. Não acho que tem que ficar atrás, porque ela tem que ser coadjuvante da história.

Entrevistadora: O que significa ser uma mulher inteligente?

Acho que ela meio que se mistura com a poderosa. A mulher inteligente é aquela que sabe que pode ser moderna. Ela não precisa ficar presa nessa coisa de achar que é o atraso do homem. Eu vejo também essa coisa da minha vó, que ficava em casa, limpando a casa, ela quem via roupa pro meu avô vestir depois do banho, ela que via o chinelo dele. Não! A mulher não é contrarregra na vida do homem. Esse é um pensamento muito retrógrado. E a mulher inteligente sabe que isto está errado. A boazinha é aquela que fica levando o chinelo. A moderna, inteligente e poderosa meio que se mesclam. Não adianta ser poderosa, se tu fica com a toalha depois do banho dele.

(Marta, 27 anos, doutoranda em comunicação, grupo 2, região Sul).

A mulher tradicional é associada à esfera doméstica, um modelo mais próximo da geração das mães das leitoras. A moderna é frequentemente definida como aquela que concilia tarefas, dentro e fora do lar. É descrita também como alguém que tem independência financeira e, paradoxalmente, dependência emocional. Ao se distinguirem da figura tradicional dedicada ao lar, também se distanciam da imagem de mulher que quer estar muito à frente.

c) gênero e âmbito profissional: as perguntas feitas sobre o âmbito profissional tratavam tanto de diferenças, quanto desigualdades de gênero. Os relatos sobre o campo profissional indicavam mais ocorrências de desigualdades. Mesmo em se tratando de profissões predominantemente femininas, as desigualdades eram mencionadas de alguma

forma. Vale notar que o público de leitoras expressa um contexto em que as mulheres têm acesso a níveis mais altos de escolaridade e ingresso em carreiras profissionais, mas isso não tem implicado em relações igualitárias nos seus cotidianos. O exemplo dado pela entrevistada Paula é elucidativo:

Entrevistadora: Você percebe diferenças de gênero no campo profissional?

Sim. Eu tenho um gerente e ele tem uma tendência – não sei se é coisa da minha cabeça, mas acho que não, porque muita gente já falou isso – a ...vamos dizer...a promover melhor os homens. Eu vejo que as mulheres do setor dele não crescem. Enquanto que os homens, sim, sempre estão à frente, sempre estão gargalhando, batem as metas, ele ajuda a bater essas metas, e as mulheres ficam um pouco escondidas. Eu vejo essa diferença de gênero na minha empresa. Eu vejo muito na questão hierárquica. Eu só tenho uma gerente, os outros são homens. E eu vejo que em um dado momento ela tem que se impor um pouco mais, pra poder ser respeitada na mesma altura que os outros. Apesar de ela ter muita capacidade, uma bagagem enorme, eu vejo que ela tem que fazer um pouquinho mais esforço que os outros pra poder ser respeitada. Também vejo na questão da seleção. Um determinado setor de vendas, eles preferem homens. Eles têm essa predileção por homens é...escancarada (Paula, 26 anos, auxiliar administrativo, região Nordeste).

Quando observamos o contraste entre as falas sobre as experiências de gênero e a concepção sobre o feminismo, nota-se uma série de desdobramentos para pensar os impactos da literatura de aconselhamento na trajetória das mulheres. A ausência da mediação política faz com que situações de desigualdade sejam vivenciadas sem uma politização do cotidiano. As imagens de poderosa vêm para normatizar e justificar posições de gênero, ainda que por meio da produção de “uma nova mulher”. A presença do feminismo, por sua vez, é capaz de problematizar os mecanismos de dominação, machismo, desigualdades, além de promover uma desconstrução de padrões que se impõe sobre as mulheres. Os trechos das falas abaixo mostram como o feminismo era percebido pelas entrevistadas.

Eu acho o feminismo um pouco exagerado, né? De repente, a mulher perdeu muita coisa com a sua independência, então, eu acho que tem que ter um equilíbrio. O próprio mundo vai mudando a passos largos, né?

O que perdeu: a própria valorização da mulher, de certa forma ela está vulgarizada. [...]Ela acha que com a exposição do corpo dela vai conquistar um homem, e isso tá totalmente errado. A mulher sai com um cara que ela tá conhecendo, ela vai e divide a conta. Eu acho que no começo o homem tem que mostrar que tem possibilidades de ser um bom provedor, de repente futuramente, se ela vier a ficar com ele. O respeito que existia antigamente, de repente está se perdendo também. A moral está muito em baixa, né? Uma mulher que seja mais correta, acaba pagando pelas que não são (riso). Então, eu acho que muita coisa acaba se perdendo, muita coisa boa.

Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?

Não (riso). Não, eu não defendo muito a independência da mulher. Acho legal algumas coisas, mas não sou feminista. (Luiza, 37 anos, região sul).

Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?

O feminismo é a maior mentira que já contaram pras mulheres do século [...] eu, particularmente, sou antifeminista, eu acho que as mulheres não devem nada ao feminismo, o que aconteceu é que algumas mulheres colocaram a sua frustração, da sua vida, como se todas as mulheres vivessem aquela frustração, sendo que era a vida de algumas mulheres. Então, pra mim, o feminismo foi inútil, foi uma mentira. Não passa de uma mentira de algumas mulheres que tinham alguns interesses políticos. (Adélia, 32 anos, região Nordeste).

Os discursos dos manuais mesclam influências do feminismo e da psicologia, transformando a problemática dos relacionamentos em questões da personalidade. Concepções feministas são ressignificadas e adaptadas a um roteiro autobiográfico de autonomia feminina. Ao abordarem a questão sob um ponto de vista do comportamento individual, não problematizando a cultura masculinista hegemônica ou sugerindo um enfrentamento coletivo do assunto, reforçam um ideário individualista, que nesse caso tem como principal ferramenta o gerenciamento. Há uma apropriação fragmentada dos impactos culturais do feminismo, mesmo quando as conquistas de direitos são mencionadas ou reconhecidas.

As experiências das leitoras, no entanto, nem sempre operam para uma reprodução dos padrões. Há casos em que o contato com repertórios feministas diversos permitiram uma mudança de concepção e crítica das relações de gênero. Nestes casos, a mediação social aparece com mais frequência, e a mulher fala com uma percepção mais coletiva sobre sua existência. O desenvolvimento de uma identificação feminista, mesmo sem um envolvimento político mais efetivo, produz um impacto na percepção privada.

A dimensão política, neste sentido, nos parece importante para pensar na possibilidade de uma existência coletiva, em que as diferenças possam ser valorizadas e as desigualdades enfrentadas. Os manuais utilizam as diferenças para justificar desigualdades. Nas falas de algumas leitoras, a possibilidade de enfrentar as desigualdades é vista negativamente, pois se imagina que sua consequência necessária seria “as mulheres querem ser iguais aos homens”. A igualdade, neste sentido, aparece como problemática.

3 Considerações finais: a dimensão afetiva por um prisma político

Sendo o eixo analítico central da pesquisa a dimensão afetiva, por um viés da teoria feminista, pensamos a política como lugar de enfrentamento das desigualdades e afirmação das diferenças. Neste sentido, o viés feminista é questionador dos lugares de gênero, por excelência. É uma maneira de desnaturalizar posições de gênero que são experimentadas em várias dimensões da vida e ao longo dela.

No período de encerramento da tese, fizemos a seguinte afirmação, para sinalizar a importância do feminismo como um elemento politizador necessário da condição feminina:

Considerando o contexto brasileiro, que nos últimos anos têm vivenciado ascensos de articulação dos movimentos sociais e, ao mesmo tempo, expressões públicas de vertentes conservadoras, principalmente nas temáticas de gênero, sugerimos que há um campo aberto de possibilidades. O feminismo, neste sentido, pode vir a assumir uma posição protagonista de dialogar com novas posições conquistadas pelas mulheres, de modo a relacioná-las com os enfrentamentos políticos, contribuindo para a politização da vida cotidiana e da experiência de gênero vivenciada nos mais diversos contextos brasileiros (ALBUQUERQUE, 2015, p. 223).

Nos meses após a defesa do trabalho, houve uma reorganização do movimento feminista brasileiro, que tem se mantido na agenda política, com impactos importantes na desconstrução de questões de gênero e sexualidade. Paralelamente, temos presenciado, por meio de projetos de lei e pronunciamentos de parlamentares, várias tentativas de retroceder nas conquistas de direitos femininos. Apesar da força política do conservadorismo, o fato de o feminismo estar organizado, em várias frentes e regiões brasileiras, tem um impacto positivo. Várias campanhas, promovidas principalmente por meio de redes sociais, têm tratado de pautas feministas, a exemplo do assédio, relacionamentos abusivos, da liberdade sexual, da autonomia do corpo feminino, dentre outras. A força com que se propagam as campanhas demonstra que, mesmo que a indústria cultural consiga reforçar seus ideais normativos em grande escala, a militância feminista tem poder de voz. No lugar da culpa, o questionamento. No lugar do gerenciamento emocional, o empoderamento feminino e a consciência de que, na maioria das vezes, o problema não é “o erro das mulheres” e sim os padrões de hegemonia masculina que as limitam, inclusive afetivamente.

Entre as entrevistadas da pesquisa, alguns dados se mostraram importantes no sentido de desconstruir narrativas de gênero hegemônicas. Algumas leitoras estavam produzindo reflexões de gênero em seus campos profissionais: monografia sobre comédias românticas, curta metragem sobre relacionamentos afetivos, dissertação sobre imagens femininas em seriados televisivos, contribuição com a temática de gênero na educação infantil. Quanto mais mediações presentes em suas experiências, maior aproximação com o sentido político de ser

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

mulher. Mesmo quando não havia participação militante organizada, a leitora problematizava seu cotidiano mais politicamente, contestando as relações de gênero em sua volta.

Os conselhos afetivos são socorros emocionais que dialogam com dilemas contemporâneos vivenciados por muitas mulheres dos contextos urbanos, empoderando-as em alguns casos, mas o fazendo na condição de apresentar uma resposta terapêutica desprovida de mediações políticas. Desta forma, lugares de gênero são naturalizados e, mais que isso, sugere-se que as liberdades femininas são responsáveis pela infelicidade delas no presente. A forma como esse pressuposto é incorporado pela mulher pode fazê-la se sentir culpada por não corresponder a uma expectativa construída socialmente. Em última instância, a incorporação da ideia de erro e culpa pode produzir mais infelicidade para as mulheres. Neste sentido, identificar como o gênero institui práticas e reforça modelos de desigualdade é uma tarefa necessária, tanto do ponto de vista teórico quanto político.

Referências:

ALBUQUERQUE, Rossana Maria Marinho. **Conselhos afetivos em tempos de cultura terapêutica**: analisando manuais de autoajuda e experiências das leitoras. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2015. 231 f

ALVES, Vera Lúcia Pereira. **Receitas para a conjugalidade**: uma análise da literatura de autoajuda. Tese (doutorado) apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOSCO, Ângelo Marcos. **Sucessos que não ocorrem por acaso**: literaturas de autoajuda.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CONNELL, Raewyn. **Gender**. Cambridge: Polity Press, 2009.

_____. **Gender and Power**. Stanford, California: Stanford University Press, 2007.

_____. **Masculinidades**. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

FONSECA, José Guilherme Teixeira da. **O desafio de ser indivíduo no século XXI**: um estudo sobre a cultura de autoajuda. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The Commercialization of intimate life**: notes from home and work. Berkeley, The University of California Press, 2003.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Jorge Zahar Ed., 2010.

_____. **Why love hurts**: a sociological explanation. Cambridge: Polity Press, 2012.

_____. **Saving the modern soul**: therapy, emotions and the culture of self-help. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 2008.

RUDIGER, Francisco. A experiência amorosa na literatura de autoajuda: terapia e intimismo. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**. UCS, Caxias do Sul, v. 9, n.17, jan/jun. 2010.

Manuais analisados na pesquisa:

ARGOV, Sherry. **Por que os homens amam as mulheres poderosas?** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CARTER, Steven; SOKOL, Julia. **O que toda mulher inteligente deve saber**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

NUNES, Eduardo. **Sedução**: uma estrada de mão dupla. São Paulo: E. Nunes, 2000. PEASE, Allan; PEASE, Barbara. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?**: uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.